

MUDANDO O RUMO DA HISTÓRIA

Maria Teresa Ginde de Oliveira – prof.teca@estadao.com.br
(Colégio Universitas – Santos)

Organizar-se para preparar temas de redação chega a ser, algumas vezes, um desafio para professores de Português que trabalham com alunos de 3ª série do Ensino Médio. Vários são os fatores dos quais deriva essa “responsabilidade”, em especial quando existe, por parte dos alunos e de suas famílias, uma grande preocupação (para não dizer angústia) quanto ao desempenho redacional exigido nas carreiras de alta demanda dos grandes vestibulares. Nesse cenário, muitas variantes devem ser consideradas, exigindo do professor, sobretudo, atenção e sensibilidade.

Começo pela “atenção”, que se refere, aqui, em primeiro lugar, à necessidade de o docente ser manter razoavelmente informado tanto dos acontecimentos recentes (políticos, econômicos, sociais ou culturais) quanto dos temas colocados em discussão pela sociedade em geral e/ou por alguns segmentos dela, aspectos em que a mídia, obviamente, desempenha papel preponderante. Assim, a leitura diária do jornal torna-se fundamental a fim de que seja possível, ao professor de Redação, orientar seus alunos, chamar a atenção deles para a necessidade de reflexão acerca de fatos e opiniões, indicar leituras de textos verbais e não-verbais, propor discussões em classe, trazer à tona dados e argumentos (ou contra-argumentos) que permitam transformar tudo isso em conhecimento e, depois, em textos que demonstrem a autoria de seus produtores.

Da mesma forma, a presença de jornais e revistas na sala de aula ou na biblioteca da escola faz com que os alunos que não disponham deles em suas casas se familiarizem com esses “objetos”. Manuseá-los, perceber como são formatados, observar tanto as diferentes seções em que os textos são organizados quanto a grande variedade de gêneros disponibilizados são ações que podem e devem ser incentivadas a cada momento.

Há, naturalmente, famílias que cultivam, em seus filhos, o hábito da “busca” de informação por meio desses veículos – presentes em suas casas diária ou semanalmente –, que conversam com eles sobre as notícias mais relevantes – e muitos outros assuntos. No entanto, tenho percebido que mesmo esses jovens, muitas vezes, precisam encontrar algum tipo de incentivo que os leve a perceber o quanto e o como entenderam aquilo que leram, ouviram ou chegaram até a discutir fora do ambiente escolar.

Então, em segundo lugar, creio que o professor de Redação deve estar atento a todas essas variantes no momento de planejar suas seqüências didáticas no que diz respeito aos temas e tipos de texto propostos às classes de 3ª série. Algumas vezes, ele sabe que pode “deixar tudo por conta do aluno”; outras, que precisa caminhar passo a passo, tentando perceber o domínio que as classes têm – ou não – com relação ao que está sendo pedido, para verificar o apoio necessário à consecução da tarefa; outras, ainda, pelo conhecimento que já tem das classes, que é melhor providenciar, de antemão, uma coletânea de textos variados para orientar o trabalho. E se o “tema” for tomado emprestado de um livro didático ou de um vestibular de dois ou mais anos antes, é fundamental verificar se os dados disponibilizados pelo autor do empréstimo ainda são válidos ou se precisam ser atualizados. Em suma, se esse professor estiver realmente comprometido com a produção textual de cada um dos alunos sob sua responsabilidade, ele tem de prestar atenção a todos os pormenores – inclusive à realidade extra-escolar em que os jovens estão inseridos e da qual são participantes ativos.

Nesse sentido, é preciso lembrar que, já há um bom tempo, convivemos com “novas tecnologias comunicacionais, que pressionam para uma sociedade mais aberta e interconectada, que agilizam os fluxos de informações e as transações internacionais, que revolucionam as

condições de produção e de acesso ao saber/.../”.¹ Por isso mesmo, é importante lançar mão de outros veículos além dos da mídia impressa – os jovens estão, constantemente, conectados à rede mundial de computadores, recebendo uma diversidade enorme de informações, às vezes fidedignas, outras não, e, muitas vezes, produzindo-as a seu modo. Isto é, eles produzem seus textos – cifrados ou não, em “internetês” ou não – levados por um imperativo extra-escolar. Essa, então, é uma oportunidade que o professor de redação tem para ampliar sua atuação como orientador na busca, seleção, organização e uso de informações.

Entretanto, creio que podemos ir mais longe. Como diz Andréa Cecília Ramal, “as parcerias e a aprendizagem em conjunto serão inevitáveis”, visto que “as relações de poder que surgem na escola a partir dos instrumentos tecnológicos são totalmente novas. Pela primeira vez na história, a tecnologia da dominação é mais conhecida pelo ‘dominado’. Em outros termos: até hoje o professor trazia o saber, a norma culta, a escrita ‘correta’, para os não-letrados /.../. Hoje, ocorre um paradoxo: aquele a ser educado é o que melhor domina os instrumentos simbólicos do poder, o aparato de maior prestígio: as tecnologias”.²

Aqui, então, entra em campo a “sensibilidade”, por meio da qual, acredito, cheguei à experiência que pretendo relatar. De alguns anos para cá, comecei a perceber que um número expressivo de alunos fazia o “rascunho” de suas redações no computador. No início, cheguei a pensar que as facilidades do Word – em especial o “corretor ortográfico” – eram responsáveis por esse uso que, rapidamente, foi se expandido. Ao conversar com os alunos sobre o fato, porém, percebi que era mais do que isso – eles afirmaram que, como passavam muito tempo diante da “máquina”, era muito mais fácil e “lógico” que a usassem, pois, assim, podiam ir entremeando várias atividades, inclusive fazendo pesquisas sobre o tema a ser desenvolvido. Tentei mostrar a eles que, no momento pelo qual estavam passando (véspera de vestibular), talvez essa não fosse uma boa estratégia. No entanto, eles sempre apontavam o outro lado, isto é, o fato de o programa oferecer outros recursos que vão além do Ctrl C, Ctrl V, como o “controlar alterações”, que os ajudavam a visualizar as diferentes versões que tentavam dar a alguns trechos do texto. Em suma, aquilo que eu via como um problema, para eles era uma solução, pois não só facilitava o trabalho, mas também chegava a torná-lo, sempre do ponto de vista deles, prazeroso. A sinceridade com que fizeram suas colocações fez-me perceber que seria impossível impedir esse procedimento, que alguns hábitos já estavam fortemente arraigados e que, naquele momento, tentar mudá-los só traria desgastes desnecessários. Então, comecei a sentir que precisava aproveitar esse domínio que meus alunos tinham sobre os recursos tecnológicos e passei a conversar mais com eles sobre o assunto, para tentar perceber, aos poucos, como poderia explorar pedagogicamente esse domínio sem que se perdessem de vista, necessariamente, os objetivos e a qualidade das produções.

Ao tentar ampliar o cenário citado no primeiro parágrafo, parece-me que carreguei nas cores e acabei por reduzi-lo a conceitos e estratégias que se referem mais diretamente à dissertação. Na verdade, é isso mesmo que vem ocorrendo na minha prática pedagógica desde 1996, quando assumi as aulas de Redação de 3ª série de Ensino Médio. A ênfase dada, compreensivelmente, à dissertação, nas provas de Redação dos vestibulares, tem feito com que eu – e, provavelmente, a maioria dos professores – privilegie esse tipo de texto nas propostas de redação. No entanto, procuro, sempre, reservar uma parte de um único bimestre para que os alunos produzam narrativas. Teoricamente, é um tempo muito curto, e a idéia que fica, em geral, é a de que há, de minha parte ou da parte da escola, uma desvalorização desse tipo de texto. Não é bem assim, pois, nas séries anteriores, os alunos têm muitas oportunidades de criar histórias e agora, na última, é necessário aprimorar a produção de textos dissertativos.

¹ Jesús Martín-Barbero, *Cidade virtual: novos cenários da comunicação*. **Comunicação & Educação** nº 11. São Paulo: CCA-ECA-USP; Moderna, jan/abr de 1998. p. 56. Apud Maria Aparecida Baccega. *A formação de leitores na sociedade midiática – novas tecnologias, novas sensibilidades*. Disponível em <http://www.alb.com.br/anaisjornal/leitura/textos/001baccaga.htm> Acesso em: 16/5/2007.

² Andréa Cecília Ramal. *Ler e escrever na cultura digital*. Disponível em <http://www.revistaconecta.com> Acesso em 16/5/2007.

E, aqui, passo a mostrar como fui sentindo, ao longo dos anos, a necessidade de criar algumas estratégias para incentivar e valorizar a produção de narrativas. Em primeiro lugar, comecei a notar que toda vez que os alunos chegavam à sala trazendo uma narração, os textos circulavam entre eles – pediam, até, para eu esperar um pouco para recolhê-los, pois estavam lendo os textos uns dos outros. Em segundo lugar, percebi que a “nota baixa” atribuída a um texto narrativo era mais decepcionante do que a atribuída a qualquer outro tipo de texto ou atividade. Por fim, conversando com os alunos, como sempre faço ao longo das etapas do trabalho, fui sabendo que as histórias criadas por eles eram lidas fora da escola, antes de serem entregues, em geral por seus familiares – e as avós, aqui, eram os leitores mais apaixonados, emocionados e até orgulhosos. E, após o retorno do texto corrigido, a indignação quanto à “nota baixa” não era só do produtor do texto, mas, muitas vezes, até do(s) colega(s) que já o havia(m) lido.

Refletindo sobre essas observações, fui tentando outras estratégias que amenizassem as “angústias” que essa atividade causava aos alunos. Até que tentei unir várias experiências em uma única proposta: sugeri a eles a criação, em grupos, de contos de detetives a partir de um artigo publicado no caderno *Cultura* do jornal **O Estado de S.Paulo** em sua edição de 12 de agosto de 2001. O texto, de autoria de Ed McBain, intitula-se *O mundo dos detetives sórdidos e das loiras falsas*. Numa linguagem que lembra a de contos policiais norte-americanos da década de 40, o autor apresenta os principais tipos que habitam o universo dos filmes hollywoodianos dessa época. Cada grupo ficou responsável por um conto que tivesse como personagem principal um dos tipos apresentados por Ed McBain. Com isso, pretendia que compartilhassem a criação das personagens e das tramas, já que gostavam tanto de ler uns as histórias dos outros. Trabalhados inicialmente em sala de aula, os contos foram finalizados também em grupo. Fui com os alunos para o CPD e, lá, em conjunto, eles puderam pesquisar alguns dados de época que pretendiam utilizar, resolver problemas de formatação, enfim, visualizar o “produto final”. Após a entrega dos contos, antes mesmo de tê-los avaliado, conversei com as classes sobre essa experiência. Segundo os alunos, foi “tudo” muito bom porque “diferente” do que havíamos feito antes; mas, os dois pontos positivos mais destacados foram: terem participado juntos de todo o processo e não ter havido limite de linhas! Sim, o limite da “folha de redação” era, muitas vezes, um empecilho – sempre do ponto de vista deles – à criação da história como gostariam que ela fosse. O ponto negativo: não saberem como os outros grupos haviam desenvolvido as histórias baseadas nos tipos apresentados por Ed McBain, já que a entrega havia sido feita em disquete, ao término da aula no CPD. Então, no final do ano, depois de revisadas, as narrativas foram gravadas em CDs, com os quais a escola presenteou os alunos durante a cerimônia de formatura. Uma aluna se prontificou a fazer um desenho que ilustrou a capa dos CDs (Anexo 1).

Embora os formandos tenham ficado satisfeitos com a solução encontrada, ela não me agradou muito, pois os alunos não haviam tido a oportunidade de conversar sobre os textos, já que os haviam recebido no momento da separação! Por isso, comecei a imaginar como poderia continuar a desenvolver essa atividade sem mudá-la substancialmente, sem antecipá-la, mas garantindo a possibilidade de todos conhecerem as produções dos colegas. Uma das idéias que tive foi a da criação de um blog em que elas pudessem ser reunidas e disponibilizadas para leitura. No entanto, meus conhecimentos de informática não eram suficientes para ajudá-los nessa tarefa. Levei o problema, então, para os funcionários do CPD da escola, os quais me tranquilizaram argumentando que eu não sabia como fazer, mas que os alunos, com certeza, não teriam a menor dificuldade. De qualquer forma, eu poderia ficar tranqüila se optasse pelo blog, pois eles poderiam dar todo o suporte necessário. Embora tivesse ficado satisfeita com as respostas recebidas, demorei a me decidir.

Até que, no início do segundo semestre do ano passado, quando comecei a organizar as primeiras atividades, pesquisando no site da **Folha de S.Paulo** entrevistas a partir das quais pudesse criar uma proposta de redação de texto argumentativo, deparei-me com a de Andrew Keen, historiador inglês que havia lançado um livro intitulado "The Cult of the Amateur: How Today's Internet Is Killing Our Culture". Nele, o autor combate a “revolução da segunda geração

da internet, a web 2.0, baseada na interatividade e no conteúdo gerado pelos usuários, cujos marcos são os blogs e sites como o Youtube e a Wikipedia /.../”³. Lendo a entrevista, percebi que ela poderia suscitar uma boa discussão em sala de aula e uma proposta de dissertação e de carta argumentativas, já que ali estava registrado, enfaticamente, um ponto de vista contrário a um hábito da maioria dos alunos: a interatividade proporcionada por blogs, fotologs, Orkut, MSN... E, nesse momento, percebi também que, provavelmente, a partir da reflexão trazida pelo texto, seria possível, finalmente, sugerir a criação de um blog no qual os alunos postariam seus textos. Pensando melhor, optei por sugerir a criação de um blog por classe.

Então, na primeira aula do semestre, juntamente com a proposta de redação, comecei a veicular a idéia do blog, o que foi feito por meio de um texto em que o propus e o justifiquei, pedindo que os alunos fossem, ao longo da semana, refletindo sobre a viabilidade dele (Anexo 2).

Na aula seguinte, conversamos sobre minha sugestão e fizemos uma votação: cada aluno deveria responder se trabalharíamos, no segundo semestre, com blog ou sem blog. O resultado foi o seguinte: 67% escolheram com blog e 33%, sem blog. A partir daí, tomamos as providências necessárias: cada classe elegeu um aluno responsável por criar o blog e por passar para todos o endereço e a senha. Então, começamos a trabalhar os textos a serem postados.

Novamente, o jornal e a internet foram fundamentais para a criação da proposta de redação. Um tempo atrás, eu havia assistido, no PortaCurtas⁴, ao filme *Barbosa*, de Jorge Furtado e Maria Luiza Azevedo, e havia achado muito interessante o aproveitamento dos recursos utilizados: ficção científica; fato histórico; documentário antigo; entrevista de televisão; locução de rádio; gravação de discurso de autoridade – tudo mostrado em flash-back por um narrador-personagem angustiado, que volta ao passado tentando “mudar o rumo da História” para, com isso, mudar o rumo de sua história particular. Considerei, na época, que poderia aproveitá-lo em alguma de minhas aulas, mas ainda não sabia como isso seria feito.

Lendo a **Folha de S.Paulo** do dia 2 de agosto, deparei-me com um texto de Contardo Calligaris que trata exatamente das relações entre as histórias particulares e a História – havia encontrado o fio condutor da proposta de narração. Preparei, então, o material: levei para a sala o texto de Calligaris, *As nossas histórias e "A História"*⁵, e o filme de Fernando Furtado. Em algumas classes, o texto rendeu uma excelente discussão, já que a visão de História nele presente não é nem um pouco consensual; quanto ao filme, apareceram várias interpretações, até que, revendo e/ou relembando alguns pormenores dele, os alunos chegaram à motivação da personagem para empreender a volta ao passado. Nesse momento, apresentei a eles a tarefa a ser executada: criação de um conto cuja personagem central pretendesse “mudar o rumo da História”. Para isso, deveriam escolher um “fato histórico” que, por algum motivo, tivesse um significado especial para a personagem, significado esse que seria, pelo menos, sugerido em alguma passagem do texto, no qual precisaria aparecer, também, o recurso utilizado pela personagem para poder fazer a volta ao passado. Além dessas, foram dadas outras instruções, como ilustração e título; organização dos grupos; aulas reservadas para encontro dos grupos; prazo para postagem dos contos no blog da classe, atrasos.

Foi assim que, numa noite de domingo, diante do monitor, comecei a ver surgirem as narrativas criadas por meus alunos, as ilustrações escolhidas e até os problemas e dificuldades que alguns tiveram no momento da postagem dos textos. Estão todos disponíveis nos seguintes endereços:

- <http://3tropicoblogspot.com/>
- <http://terceiro-amazonia.zip.net/>
- <http://polo-sul.blogspot.com/>

³ *Ataque à blogosfera* (Apresentação da entrevista de Andrew Keen a Marco Aurélio Canônico). Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq3007200707.htm> Acesso em 30/7/2007.

⁴ <http://www.portacurtas.com.br>

⁵ Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq0208200722.htm>

- <http://pacificado.zip.net/>
- <http://artico.blogspot.com/>
- <http://kyoto.blog-br.com/>

A partir daí, passei para a fase de leitura e avaliação das narrativas produzidas e, após conversar com as classes sobre os resultados obtidos, fizemos, informalmente, uma avaliação de todo o processo. E ratificamos nossos combinados: no bimestre seguinte, o blog seria o suporte para a última atividade do ano – entrevistas, feitas pelos grupos, com profissionais das diferentes áreas e carreiras que pretendiam seguir, e cujo tema central seria “ética e profissões”.

Em meados de novembro, quando preparava o **6º Seminário da Baixada Santista de Aprendizagens Significativas no Ensino Médio** – evento que acontece no início de dezembro –, o professor que o coordenava pediu-me que apresentasse essa experiência de “aprendizagem significativa”. A princípio, senti-me incomodada por mostrar como meu um trabalho que, na verdade, havia sido desenvolvido, toda ele, pelos alunos: as motivações vieram das angústias deles, as discussões foram realizadas por eles, os textos e os blogs foram criados por eles – na verdade, os alunos é que poderiam dizer melhor até que ponto a atividade poderia ser considerada uma “aprendizagem significativa”. Para decidir-me sobre apresentá-la ou não, resolvi formalizar a avaliação do processo, sem, contudo, impô-la. Os resultados mostraram que a maioria dos alunos sentiu-se gratificada com os resultados obtidos e, se não a totalidade, um número expressivo deles considerou significativo o uso do blog como suporte de suas produções (Anexo 4).

No final do ano, então, como já havia acontecido no anterior, os formandos receberam um CD contendo todos os contos, agora já revisados e “corrigidos”. Desta vez, foi confeccionada uma capa para cada classe, com algumas das ilustrações escolhidas por eles (Anexo 5).

Este relato de experiência, portanto, quer compartilhar todo um processo de produção textual pelo qual eu e meus alunos passamos. Acredito que, no contexto deste *Seminário*, ele encontra sentido por ter se iniciado com a leitura de um texto verbal – publicado em um dos jornais paulistas de circulação nacional – que dialoga com um curta-metragem disponível em um (re)conhecido site da internet que, por sua vez, disponibiliza “textos” em diferentes linguagens. A “experiência” prosseguiu com a produção de contos, cujos portadores – o blog e o CD – estabeleceram uma interface entre diferentes mídias.

Mas, acima de tudo, do ponto de vista humano e pedagógico, esta experiência pode ter ajudado a “mudar o rumo da história” de algumas pessoas.

Anexo 1



Anexo 2

Atenção

Um dos motivos pelos quais escolhi esta entrevista como ponto de partida para R1-3º bimestre é que, desde o final do 2º bimestre, tenho pensado em propor, como atividade de R4, a criação de um blog. Em junho, cheguei a conversar com o Eduardo, do CPD, sobre isso.

Como agora em agosto precisamos fazer uma revisão de narração, vou preparar um tema que deverá ser desenvolvido em grupos e cuja nota valerá para R4 (será a única avaliação dessa R). Minha idéia é que cada classe crie um blog no qual os grupos postem seus textos, com a possibilidade, inclusive, de ilustrações para as histórias criadas. Haveria uma data-limite para essa postagem (valendo 100% da nota) e a possibilidade de todos comentarem os textos. Poderíamos, também, desenvolver outras atividades de criação que achassem interessantes. Uma idéia é dar uma “treinada” em descrição!

No 4º semestre, vocês continuariam a alimentar o blog, mas com outro tema e outros tipos de texto: pesquisas, entrevistas (por escrito, gravadas ou filmadas), charges,... sobre o tema “ética e profissões”. Podemos pensar em abrir essa atividade com uma palestra ou com um debate entre profissionais de diferentes áreas. Nesse caso, alguns alunos poderiam fazer a “cobertura” do evento para enriquecer os blogs. Estabeleceríamos, novamente, uma data-limite para a avaliação. Que tal fazermos um concurso: qual o melhor blog? Podemos criar “critérios de avaliação” e escolher os “eleitores”.

Tanto a narração em grupo quanto a entrevista com profissionais para tratar do tema (“ética e profissões”) acontecerão – a novidade é o formato que daremos a elas.

E mais: para “aliviar” o trabalho e “treinar” o tempo, podemos fazer as outras redações (R2 e R3- 3º bimestre, R2 e R3 – 4º bimestre) em sala de aula. A idéia é que as atividades propostas, além de proveitosas, possam ajudá-los a espairecer, a relaxar.

Pensem nisso. Na próxima aula, espero uma resposta de vocês.

Teca

Anexo 3

	com blog	sem blog
Ártico	13	20
Antártida	26	12
Kyoto	24	14
Trópicos	28	13
Amazônia	28	8
Pacífico	28	6
	148 (67%)	73 (33%)

Anexo 4

Queridos alunos

O prof. Vincenzo pediu-me que apresentasse, em um encontro de professores, o trabalho que, junto com vocês, desenvolvi a partir do momento em que optamos – por meio de uma enquete – pelo blog como espaço de apresentação dos trabalhos em grupo dos dois últimos bimestres.

Como os blogs foram, na verdade, construídos, em todas as etapas, por vocês, não acho justo apresentá-los como um trabalho meu. Por isso, peço que cada um de vocês registre, abaixo, como viu o suporte (blog) da R4 do 3º e do 4º bimestres. Desconsiderem os temas propostos e pensem nos seguintes itens:

- 1- Há alguma diferença significativa entre entregar um trabalho digitado/impresso e apresentá-lo no blog?
- 2- Deu muito trabalho postar as atividades?
- 3- O resultado foi bom?
- 4- Você leu os textos dos outros grupos? Fez comentários?
- 5- Em suma, foi significativa a existência do blog?

Quem quiser registrar alguma outra idéia, crítica ou sugestão estará colaborando para o aperfeiçoamento das propostas que farei aos alunos dos próximos anos.

Vocês foram – e são – 10!

Beijinhos,

Teca

Resultados obtidos

- 1- Há alguma diferença significativa entre entregar um trabalho digitado/impresso e apresentá-lo no blog?

sim	não
71	54

- 2- Deu muito trabalho postar as atividades?

sim	não	um pouco
14	90	12

3- O resultado foi bom?

sim	não	“médio”
110	7	4

4- a) Você leu os textos dos outros grupos?

sim	não
73	46

4- b) Fez comentários?

sim	não
5	101

5- Em suma, foi significativa a existência do blog?

sim	não	mais ou menos
100	12	10

Anexo 5





**Mudando o rumo da História
3º Artigo**



**Mudando o rumo da História
3º Kyoto**

